

OS TRABALHADORES NO FRIGORÍFICO ANGLO DE PELOTAS NO ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL: HISTÓRIA, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA

Aristeu Elisandro Machado Lopes¹

Mônica Renata Schmidt²

Resumo: Uma das principais indústrias que se desenvolveu nas primeiras décadas do século XX no Rio Grande do Sul foi aquela direcionada à carne processada. Frigoríficos se instalaram em cidades no interior do estado e, entre elas, Pelotas recebeu uma filial do Frigorífico Anglo. A proposta deste artigo é abordar uma parte da história e da memória dos trabalhadores durante as obras de readequação do prédio do frigorífico a partir da análise das informações que se encontram nos dados do Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. A DRT/RS faz parte das políticas direcionadas aos trabalhadores na década de 1930 e era o órgão responsável pela confecção das carteiras profissionais. Dessa forma, almeja-se abordar não apenas as informações, mas também as fotografias 3x4 fornecidas no momento da solicitação do novo documento.

Palavras-Chave: Fotografia; Frigorífico Anglo de Pelotas; Trabalho.

THE WORKERS OF ANGLO COLD STORE IN PELOTAS IN THE COLLECTION OF THE REGIONAL LABOR DEPARTMENT OF RIO GRANDE DO SUL: HISTORY, MEMORY AND PHOTOGRAPHY

Abstract: One of the main industries in Rio Grande do Sul state that developed during the first decades of the twentieth century was the ones directed to processed meat. Some cold stores were installed in some towns of this state and Pelotas received a branch of Anglo Cold Store. This article aims to address a piece of the history and memory of the workers during the refurbishment of the cold store building, based on the information found in the collection of the Regional Labor Department of Rio Grande do Sul - DRT/RS. This department is part of the policies directed to the workers during the 1930s and was the one that made the professional portfolios. In this way, it is intended to address not only the information, but also the 3x4 photographs provided at the time the new document was requested.

Keywords: Photography; Anglo Cold Store of Pelotas; Work.

* Pesquisa realizada no acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul.

¹ Doutor em História/UFRGS. Professor Adjunto IV do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas-UFPel. Pós-doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense-UFF. E-mail: aristeuufpel@yahoo.com.br

² Mestra em História/UFPel. Bacharela em História e Bacharelada em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas-UFPel. Doutoranda em História/PUCRS. E-mail: monicarenata@outlook.com

Considerações iniciais

Parte dos acadêmicos que atualmente ingressa na Universidade Federal de Pelotas estudarão os seus quatro anos de vida acadêmica em um mesmo campus da universidade, o Campus Porto. No entanto, a maioria dos estudantes, professores, técnico-administrativos e a comunidade de fora da UFPel denomina esse ambiente universitário com outro nome. Todos o conhecem como Campus Anglo. A denominação não oficial, mas oficiosa no dia-dia, ocorre devido ao passado daquele espaço e de seu prédio principal, um marco da economia da cidade no século XX inaugurado com a construção de um frigorífico, o qual sediaría, após uma reconstrução, a filial do Frigorífico Anglo de Pelotas em 1943. Considerada a mais sofisticada indústria frigorífica naquele momento, empregava grande número de trabalhadores se comparada com outros estabelecimentos da época. O uso de novas tecnologias demandou a necessidade de mão de obra qualificada, trazendo mudanças no modo de organização da produção, nas relações e formas de dominância no trabalho. A compreensão deste passado complexo vem exigindo uma maior abertura e mesmo um refinamento dos instrumentos analíticos a disposição do historiador. Neste ponto, é relevante o diálogo com a chamada “nova história social do trabalho”.

No decorrer do século XX “a história operária deixou de ser unicamente a história do movimento operário organizado”, (BATALHA, 2003: 153) novos temas também foram contemplados, tais como trabalhadores e a legislação trabalhista (GOMES; SILVA, 2013)³ condições de trabalho em frigoríficos (VARUSSA, 2016)⁴ e mulheres trabalhadoras (FRACCARO, 2016). A partir da década de 1980 a historiografia começou a privilegiar os agrupamentos profissionais, suas formas de organização, a composição da força de trabalho, a vida operária no interior das fábricas, os processos de trabalho, assim como o lazer e o cotidiano dos trabalhadores fora das fábricas (BATALHA; SILVA; FORTES, 2004), abrangendo aspectos como cultura, etnicidade, gênero, educação, habitação entre outros (CHALHOUB; SILVA, 2009).

A proposta deste artigo é abordar uma parte da história do antigo Frigorífico Anglo de Pelotas, transformado em campus da universidade nos anos 2000, mas que ainda

³ Entre outros, ver: (GOMES, 1988), (FRENCH, 2001), (BIAVASQUI, 2007), (CORREA, 2011), (SPERANZA, 2014) e (SCHMIDT, 2017).

⁴ Ver: (LOURENÇO, 2009), (HECK; CARVALHAL, 2010) (HECK, 2013) e (VARUSSA, 2013).

mantém-se na memória daqueles que passam nas suas imediações ou circulam por seus antigos corredores. A análise será desenvolvida com base na história social do trabalho a partir de uma fonte relevante à história e à memória dos trabalhadores do Anglo. Trata-se das fichas de qualificação profissional e suas fotografias no formato 3x4 que pertencem a Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. Pretende-se investigar um grupo de trabalhadores do frigorífico que solicitaram carteira profissional entre os anos 1930 e 1940. Este documento foi criado no ano de 1932 durante o governo de Getúlio Vargas com o objetivo de registrar as anotações sobre a vida laboral de todos os trabalhadores⁵. Conforme aponta Angela de Castro Gomes, a carteira traduziu “o tipo de relação entre cidadão e estado que se desejava construir” (GOMES, 1988: 242).

Para operacionalizar a emissão da carteira profissional o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio instalou Inspetorias Regionais do Trabalho nos estados, mais tarde renomeadas de Delegacias Regionais do Trabalho. No Rio Grande do Sul ela foi instalada em 1933 em Porto Alegre e somente mais tarde foram instalados postos de identificação no interior, nos municípios de Passo Fundo (1945) e de Pelotas (1948) (LONER, 2008: 03). Ao solicitar sua carteira, o trabalhador declarava uma série de informações que eram registradas na ficha de qualificação profissional. A partir dos dados pessoais e profissionais, o que incluía também uma fotografia 3x4 e a identificação das digitais dos dedos de ambas as mãos, a carteira era encaminhada à confecção. Em relação à fotografia 3x4, o decreto-lei estipulava que o trabalhador deveria entregar três cópias, as quais deveriam “reproduzir a imagem da cabeça tomada de frente, com as dimensões aproximadas de três centímetros por quatro, tendo, num dos ângulos, em algarismos bem visíveis, a data em que tiverem sido feitas” (BRASIL, 29 jun. 1932).

Uma parte significativa das fichas de qualificação profissional dos trabalhadores do Rio Grande do Sul foi conservada e atualmente o acervo encontra-se salvaguardado no Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas⁶.

⁵ A carteira profissional foi estabelecida a partir do Decreto-Lei 21.175 de 21 de março de 1932 que previa, em seu 21º artigo: “Após doze meses de vigência do presente decreto, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio só tomará conhecimento das queixas e reclamações dos empregados que possuem carteiras profissionais.” (BRASIL, 29 jun. 1932).

⁶ O Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas foi fundado em 1990 como um espaço para receber os acervos institucionais da universidade. Contudo, alguns anos depois, recebeu importantes acervos que tratam da história dos trabalhadores do Rio Grande do Sul, como exemplifica o acervo da DRT/RS, e de Pelotas, como os acervos da Justiça do Trabalho da Comarca de Pelotas e da fábrica

Aproximadamente 627.000 fichas daqueles que solicitaram suas carteiras profissionais entre os anos de 1933 e 1968 foram preservadas⁷. Essas fichas apresentam uma diversidade de informações de trabalhadores de cidades diferentes, de estabelecimentos diversos e aspectos antropométricos variados⁸. Assim, o artigo pretende investigar um conjunto específico de dados dos trabalhadores envolvidos com as obras de readequação do prédio que abrigaria a filial do Frigorífico Anglo em Pelotas.

Os trabalhadores investigados no artigo declararam o Frigorífico Anglo como seu local de trabalho, mas não estavam, necessariamente, envolvidos com a linha de produção da carne frigorificada. Como o frigorífico foi inaugurado em 1943, e as solicitações de carteiras foram realizadas neste ano e em anos anteriores, os trabalhadores exerciam profissões variadas como: carpinteiros, mecânicos, operários, pedreiros, serventes, motoristas, entre outros. Até o momento da pesquisa – 1944 – foram encontrados apenas 6 magarefes, únicos profissionais especializados⁹.

O texto pretende averiguar determinados dados das fichas dos trabalhadores: o ano de solicitação, a profissão, a cor declarada, o ano de nascimento e as fotografias 3x4. Parte do objetivo do artigo é discutir, além de aspectos da história da carteira profissional desse grupo específico, algumas possibilidades de considerar o acervo como um lugar de memória desses trabalhadores, homens comuns, os quais, possivelmente, são localizados no passado somente nas informações registradas em suas fichas e em seus registros fotográficos no formato 3x4.

Laneira Brasileira S/A. Para saber mais sobre o NDH e seus acervos, consultar: (GILL; LONER, 2013: 241-256).

⁷ Importante destacar que esse conjunto de fichas representa uma parte dos trabalhadores do estado do Rio Grande do Sul no período. Em outras palavras, o universo de trabalhadores era superior aos números verificados nos dados da DRT/RS.

⁸ A pesquisa realizada com os dados das fichas do acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul foi facilitada pela criação de um banco de dados que reproduz todos os campos da ficha. A partir desse banco é possível cruzar as informações e estabelecer perfis de trabalhadores de acordo com as intenções de pesquisa.

⁹ O estágio atual da pesquisa ainda não verificou os trabalhadores do Frigorífico Anglo de Pelotas que atuavam nas linhas de produção, com exceção dos poucos magarefes que até o momento foram localizados. Dessa forma, algumas questões como a presença feminina que aparece nos processos trabalhistas e se constituía em uma parte importante da mão de obra do frigorífico e questões como saúde e adoecimento dos trabalhadores não serão tratadas no presente artigo. Sobre as mulheres trabalhadoras no Anglo, ver: (MARTINS, 2018) e sobre os processos trabalhistas envolvendo os trabalhadores do Anglo, ver: (SCHMIDT, 2017).

O Frigorífico Anglo de Pelotas

No século XIX o químico alemão Justus Von Liebig e seu sócio Friedrich Von Wohler criaram o “extractum carnis”, um subproduto derivado da carne, mais comumente conhecido como extrato de carne. Esse produto logo se tornou conhecido e sua fabricação e comercialização foi o que motivou a instalação de fábricas em localidades onde havia abundância de matéria-prima com custos mais baratos, como, por exemplo, na América do Sul. (MICHELON, 2012: 20). Dessa forma, o engenheiro alemão George Christian Giebert conseguiu autorização de Liebig para implantar uma fábrica de extrato de carne no Uruguai, país que ele residia. Conforme Francisca Michelin: “A primeira unidade foi instalada às margens do rio Uruguai, perto da cidade de Fray Bentos e o sucesso garantiu que poucos anos após fosse, ainda sob a direção dos fundadores, criada a Liebig’s Extract of Meat Company Limited, com investimento oriundo da Alemanha, Bélgica, França e Inglaterra” (MICHELON, 2012: 20).

A fábrica uruguaia funcionou até 1924 e logo foi arrendada pelo grupo Vestey Brothers que lhe deu o nome de *Compañía Anglo Sudamericana Vestey*. Quando as atividades começaram o frigorífico possuía uma planta com capacidade de “processar 1600 bois e 4000 ovelhas por dia. A mão de obra do Frigorífico Anglo do Uruguai, entre 1924 e 1934, foi majoritariamente de imigrantes europeus (búlgaros, poloneses, gregos, iugoslavos, armênios, italianos, tchecoslovacos, ingleses, lituanos, romenos, entre outros)” (MICHELON, 2012: 30).

A produção e comercialização de carne congelada – ou frigorificada – iniciou com alguns dos principais abatedouros norte-americanos que desenvolveram avanços tecnológicos que possibilitaram o congelamento da carne. Conforme Antonio Bosi “A carne era produzida em toneladas, empacotada, congelada, transportada e vendida. Isto se tornou viável na segunda metade do século XIX, mas não se converteu imediatamente em uma prática generalizada” (BOSI, 2014: 98). Contudo, a produção logo foi ampliada nos Estados Unidos e também projetos para filiais em outros países. Ainda segundo o autor, “Sua internacionalização fez-se rapidamente na direção da América do Sul, onde estabeleceu suas principais filiais” (BOSI, 2014: 98). No Rio Grande do Sul se instalaram

a Companhia Swift do Brasil e a Armour of Brazil Corporation, ambas de capital norte-americano, e, respectivamente, nas cidades de Rio Grande e Santana do Livramento¹⁰.

A escolha da América do Sul não foi fortuita e sim se deu devido ao passado da região marcado pela atividade pastoril desde o período colonial português e espanhol. No caso do Rio Grande Sul “os primeiros frigoríficos se instalaram de maneira concentrada no extremo sul do país, aproveitando, em alguma medida, a estrutura das charqueadas” (BOSI, 2016: 14). No Brasil também ocorreram iniciativas autóctones de instalação de frigoríficos. O primeiro com capital brasileiro foi inaugurado em 1913, na cidade de Barretos, estado de São Paulo, chamava-se Companhia Frigorífica e Pastoril, mas foi vendido em 1923 para os investidores ingleses (ARAUJO, 2002).

A história do Anglo, em Pelotas, está relacionada com o contexto de industrialização da carne visto acima e ela começa com a tentativa de instalação, por parte do governo do Rio Grande do Sul, de um frigorífico nacional, semelhante a proposta de Barretos (ARAUJO, 2002: 33). Em 1918 começaram as obras de construção do Frigorífico Sulriograndense, empreendimento que logo veio a fracassar. Diante de uma iminente crise o grupo gaúcho de investidores resolveu vender o Frigorífico Rio Grande de Pelotas, assim nomeado após sua construção, para o grupo Vestey Brothers que logo alterou o nome da indústria para Anglo. Funcionou de 1924 a 1926, ficando desativado até 1942, quando o grupo voltou a investir no Brasil reconstruindo e ampliando a antiga planta industrial. No dia 17 de dezembro de 1943 o novo frigorífico foi inaugurado. Segundo Francisca Michelin:

Utilizando as mesmas instalações já feitas, a empresa manteve o frigorífico em funcionamento com baixa produtividade até 1926, quando o fechou e assim ficou por 15 anos, até que, em pleno Segundo Conflito, com a demanda do mercado exterior por, especialmente, carne enlatada, o grupo inglês ativou a unidade de Pelotas. Assim, em 1942 iniciaram as obras de construção e adequação do novo Frigorífico, que se estenderam por 20 meses, empregando centenas de trabalhadores na execução do projeto de aterro e drenagem da região alagadiça e na edificação das sólidas estruturas do prédio principal e adjacentes (MICHELON, 2013: 03).

¹⁰ Ambas as corporações já tinham filiais na América do Sul, na Argentina, na região de Berisso perto de Buenos Aires. Ver: (LOBATO, 2001).

A tecnologia empregada era importada de Chicago, considerado o centro produtor de carne frigorificada. No período compreendido entre 1943 e 1991 funcionou sistematicamente e empregou aproximadamente 1000 a 1500 trabalhadores por mês, já no período de safra, esse número poderia aumentar para 2500 operários (SILVA, 1999). A produção era setorizada e mecanizada, foi criada “uma rampa, por onde subia o boi até o primeiro andar da fábrica, onde o animal era levado e morto com golpe de marreta”. Também no primeiro andar localizavam-se “as seções de manufatura, onde o boi era aproveitado integralmente, desde o sangue até os ossos, que serviam para adubo” (SILVA, 1999: 56-57). A partir da descrição de Fortunato Pimentel sobre outras seções podemos compreender como ocorria a transformação da matéria-prima:

Importantes engraxadeiras estão instaladas no Anglo e se destinam a transformar os subprodutos do boi em preciosa graxa [...]. Na seção de triparia são limpas e absolutamente isentas de impurezas as tripas que se destinam à seção de salsicharia, onde é fabricado um produto superior e de largo consumo interno. Na seção de estamparia são preparadas as latas para conservas, onde a lâmina de folha é cortada quase sem o contato da mão humana e transformada sucessivamente até atingir a seção de enlatamento (PIMENTEL, 1944: 128 *apud* SILVA, 1999: 57).

Entre outras seções, as câmaras frias eram consideradas o coração da indústria, “pois era um setor capaz de especificar e reger todas as etapas produtivas do processamento da carne” (CRUZ, 2016: 116). O Anglo pelotense possuía oito câmaras frias, medindo 6x12 metros cada e com capacidade para comportar a carcaça de mil bois: “O projeto do complexo previa o abate de mil bois por dia, concomitante a quinhentos suínos, quinhentos ovinos e mil aves. A produção diária incluía as conservas de legumes e frutas” (MICHELON, 2013: 04). Já “A sala do abate foi construída em prédio contíguo ao das câmaras, formando um conjunto comunicado internamente entre o abate, o processamento da carcaça e das vísceras e o congelamento” (MICHELON, 2013: 08).

Havia demanda constante por mão de obra especializada em construção porque “ao longo do tempo, em seus seis hectares de extensão, prédios foram sendo modernizados, adaptados e construídos para otimizar ou implantar novos processamentos e produtos” (MICHELON, 2013: 04). A partir da década de 1940 tornou-se um grande complexo industrial mantendo-se, desse modo, até o seu fechamento nos anos iniciais da década de 1990, quando o grupo de capital inglês encerrou definitivamente a atividade com a indústria

frigorífica na América do Sul. Após o fechamento o complexo inglês foi vendido para o Grupo Casarin, o qual tentou dar continuidade as atividades frigoríficas, mas logo veio à falência. Suas instalações ficaram sob intervenção da Justiça do Trabalho, sendo mais tarde, conforme apontado anteriormente, transformado em um dos campi da Universidade Federal de Pelotas.

Os trabalhadores no Frigorífico Anglo em 3x4

Logo após a invenção da fotografia no século XIX seus usos e funções se diversificaram. O registro fotográfico passou a ser realizado em estúdios especializados na captura das imagens. Em seguida, surgiu o modelo *carte de visite*, que se difundiu entre os membros das burguesias europeias; contudo, como explica Annateresa Fabris, o “cartão de visita supre a ‘ausência do retrato’ nas classes menos favorecidas” (FABRIS, 2008: 20).

O registro fotográfico também foi usado na área da medicina com a realização de fotografias de pacientes para fins de pesquisas científicas. Um dos melhores exemplos é a produção dos álbuns dos doentes epiléticos e histéricos do hospital Salpêtrière, em Paris (ROUILLÉ, 2009: 115). A fotografia também se tornaria um importante aliado das autoridades policiais, tanto para o registro dos prisioneiros como também em investigações científicas. Estes registros consagraram o modelo face/perfil, “muito rigorosamente fotografado” (DUBOIS, 1993: 241), os quais seriam aplicados na confecção das fotografias 3x4 produzidas a partir do começo do século XX.

Baseado nas informações acima, torna-se evidente que a fotografia foi utilizada, em contextos diferentes e em locais diversos, como uma forma de controle estatal, ou seja, a nova tecnologia passou a ser difundida em uma série de instituições, como escolas, hospitais e prisões (TAGG, 2002: 62). Quando da criação da carteira profissional no Brasil, nos anos 1930, o uso da fotografia com esta conotação já era empregado em outros países. A fotografia como controle social passou a figurar “em identidades, passaportes e nos mais diferentes tipos de carteiras de reconhecimento social (MAUAD, 2008: 31).” A fotografia 3x4 dos trabalhadores que solicitaram suas carteiras se enquadra dentro desta proposta de controle social, dada às circunstâncias políticas no Brasil no momento de criação do documento.

Outra função relevante da fotografia é a sua representação como um suporte da memória do fotografado. No caso do *carte de visite*, geralmente ele é oferecido como uma lembrança a uma pessoa do círculo íntimo, como um membro da família ou para uma pessoa amada. Jacques Le Goff destaca que a fotografia “revoluciona a memória: multiplica-se e democratiza-se, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 2005: 460). Joël Candau explica que uma das razões para o sucesso da prática da fotografia, em todos os meios sociais, chamada por ele de arte da memória, se deu devido a sua permissão de “representar materialmente o tempo passado, registrá-lo e dispô-lo em ordem. Mantendo com seu passado tantos elos quanto fotos em seu álbum, o sujeito faz da fotografia o ‘suporte de uma narrativa possível’ dele próprio ou de sua família” (CANDAU, 2012: 90).

Ambos os autores apontam para a questão da construção de uma memória familiar a partir de uma cronologia, ou seja, a fotografia permite a elaboração de uma trajetória do fotografado ou de sua família disposta em ordem e conservada em álbuns. A relação entre fotografia e memória também pode ser aplicada para além do contexto da memória familiar. Outras fotografias podem ser importantes suportes à memória, como aquelas de lugares públicos, do contexto da escravidão no Brasil do século XIX ou de atividades industriais. É a partir de um uso também ampliado da fotografia, como sustentáculo para a memória dos trabalhadores do Rio Grande do Sul, que este artigo desenvolverá a análise dos registros em 3x4. É possível tomar essas fotografias como os únicos registros visuais desses trabalhadores, ou seja, é provável que o esquecimento, no âmbito familiar, já envolveu a maioria desses fotografados e sua memória, em uma esfera pública, não existiu devido ao fato de serem todos homens comuns. Em outras palavras, nenhum deles se tornou uma liderança operária ou se destacou em outras atividades públicas que os levariam a ter suas vidas biografadas, por exemplo. O presente artigo é também uma forma de dar a ver os trabalhadores comuns que atuaram no estado e, apesar de não avançar nos seus perfis individuais, apresentar elementos das suas histórias.

Como destacado acima, a filial do Frigorífico Anglo foi inaugurada na cidade de Pelotas no ano de 1943, mas os registros de trabalhadores já ocorriam a partir de 1934, com 4 solicitações de carteira. Outros pedidos foram realizados nos anos de 1939, 1941, 1942, e

1943, sendo que somente no ano de 1942 foram 145 solicitações, o que totaliza, até o momento da pesquisa, 162 trabalhadores. Esse número posiciona o frigorífico em 12º lugar entre as empresas com maior número de solicitações. Entre os trabalhadores, foi verificada apenas a presença de homens. Contudo, a mão de obra feminina no Frigorífico foi presente e importante quando a sua linha de produção entrou em funcionamento¹¹.

Outro dado relevante desses trabalhadores é a declaração da cor: 142 brancos, 12 pardos e 8 pretos, sendo que os brancos totalizavam 87% dos trabalhadores. Esses dados vão ao encontro do que é verificado no universo dos dados da DRT/RS no que se refere à cor declarada. A maioria dos trabalhadores declarou sua cor como branca – 85% – sendo que os demais declaravam cores variadas (SPERANZA, 2017). A presença majoritária de trabalhadores brancos nas indústrias do Rio Grande do Sul é explicada por Sandra Pesavento que aponta a preferência por aqueles de origem ou descendência europeia: “fosse através da busca de trabalhadores na própria zona colonial, fosse através da importação direta de uma mão de obra estrangeira, as empresas industriais da época demonstravam uma preferência nítida pelo operário-imigrante” (PESAVENTO, 1889: 71). Dessa forma, apesar do Rio Grande do Sul, e, em especial, Pelotas, ter uma população descendente da escravidão ocorrida no século XIX, a maioria dos trabalhadores com carteira profissional nos anos 1930/1940 é formada por pessoas que se declararam brancas. O Anglo de Pelotas não foi uma exceção, ao contrário, confirma essa situação.

No que se refere às profissões, a maioria deles são serventes (30 trabalhadores), carpinteiros (25), e pedreiros (15) seguidos por outras profissões diversas. Nota-se a pouca presença de trabalhadores com profissões relacionadas à indústria frigorífica com apenas 6 magarefes e 1 matambreiro¹². A ausência de outros profissionais dessa área é justificada pelo momento no qual o frigorífico se encontrava, ou seja, em uma fase de reconstrução quando a produção ainda não estava em pleno desenvolvimento. Contudo, a presença

¹¹ A presença feminina nas atividades do Frigorífico é verificada a partir dos processos da Justiça do Trabalho da Comarca de Pelotas. Esses processos estão armazenados no Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. As motivações mais recorrentes para o acionamento de uma ação trabalhista contra a empresa foram para reclamar as demissões sem justa causa, o não recebimento de aviso prévio e as suspensões. No que se refere à presença feminina em algumas seções, havia a preferência por operárias, pois estas executavam as tarefas com mais precisão do que os homens segundo os dirigentes. Nessas seções as trabalhadoras estavam sob administração de uma capataz (SCHMIDT, 2017) e (MARTINS, 2018).

¹² Matambreiro era o trabalhador “que destacava o couro do peito e a parte do ventre onde estava aderido o matambre” (THOMÉ, 2007: 66).

desses 7 trabalhadores pode indicar a hipótese de que o frigorífico já desenvolvia uma linha de produção, muito pequena se comparada com aquela que ocorreu nos anos posteriores a inauguração¹³, possivelmente fornecendo carne verde ao comércio local.

Outra profissão importante dentro de um frigorífico é a de canista, que aparece com um trabalhador e 1 ajudante de canista. Eles eram os responsáveis pela instalação dos canos, que poderia ser para a água ou também para o congelamento por amoníaco nas câmaras frias. Provavelmente, seu trabalho era auxiliado, ou estava relacionado, com aqueles desenvolvidos pelos mecânicos, funileiros, eletricitas e soldadores que estão entre as profissões dos solicitantes da carteira.

A profissão desses trabalhadores é um ponto importante para analisar suas fotografias 3x4. Por um lado, a relação entre profissão e fotografia permite apontar algumas considerações sobre a construção de uma identidade retórica, conforme proposta desenvolvida por Annateresa Fabris:

O retrato fotográfico oitocentista aponta claramente para essa construção, ao fazer da pose o elemento definidor não apenas de uma estética, mas também da própria concepção de identidade. Se a pose responde, num primeiro momento, a imperativos técnicos, assume rapidamente o caráter intrínseco de apresentação de um simulacro graças a ela o sujeito torna-se um modelo; deixa-se captar como uma forma entre outras, ao interagir com o cenário que lhe confere uma identidade retórica quando não fictícia, fruto de uma composição plástica e social a um só tempo (FABRIS, 2004: 58).

A autora aponta tais considerações para o retrato produzido no século XIX e em estúdios, nos quais o fotografado poderia se deixar registrar em um ambiente burguês, embora sua condição social e econômica não correspondesse com o que era representado na sua fotografia. Adaptando essas considerações para a fotografia 3x4 dos anos 1930/1940, o que se propõe é que nem sempre a fotografia do trabalhador correspondia com a sua profissão. Em outras palavras, o ofício desempenhado não necessitava de um vestuário composto por casacos, gravatas, coletes, acessórios pessoais, por exemplo. A partir das fotografias dos trabalhadores do Anglo é possível perceber a construção dessa identidade

¹³ Como visto no tópico anterior, o projeto do complexo previa o abate de mil bois, quinhentos suínos, quinhentos ovinos e mil aves por dia. A produção diária incluía as conservas de legumes e frutas. Nas décadas seguintes o número de suínos abatidos por dia chegaria a dobrar. As conservas foram sendo diversificadas conforme as safras e alguns relatos incluem, em décadas mais recentes, a produção de itens de padaria (MICHELON, 2012: 58).

retórica ou ficcional, conforme apontado por Annateresa Frabris. Ao observar o registro do trabalhador e sua profissão, é perceptível que aquela fotografia nem sempre representava o ofício do fotografado. Contudo, uma parte considerável das fotografias foi produzida fora do estúdio e em um intervalo do trabalho, o que permite considerar que o grupo de trabalhadores fotografado se aproxima mais de uma identidade profissional do que aqueles que foram registrados em estúdios.

As fotografias 3x4 dos trabalhadores do Frigorífico Anglo também constituem um conjunto de registros peculiar. O formato apresentado é o 3x4, mas a maioria delas foi feita sem seguir o padrão recomendado pelo decreto-lei que instituiu a carteira profissional que previa a reprodução da “imagem da cabeça tomada de frente”, ou seja, várias fotografias apresentam a imagem do tronco e da cabeça do trabalhador. As fotografias igualmente remetem a uma produção em série, a qual é verificada pela mesma data do registro na placa afixada na roupa do trabalhador. Essa produção em série também revela outro detalhe: os registros foram feitos fora do estúdio do fotógrafo, o que pode ser visto a partir dos fundos variados e pela ausência de molduras nas fotografias. Outra parte das fotografias seguiu o padrão recomendado e foram produzidas em estúdios.

A análise das fotografias agrupou os trabalhadores por profissão e os conjuntos das figuras seguintes possuem fotografias realizadas em estúdios e outras produzidas fora do estúdio. A análise começa com as fotografias dos maquinistas (Figura 1).

A partir dos três últimos trabalhadores, fotografados em série, é possível considerar que o fotógrafo se deslocou do estúdio para fazer as fotografias dos solicitantes da carteira profissional. Como não havia uma Delegacia Regional do Trabalho em Pelotas naquele momento, um funcionário da DRT/RS se deslocava da capital para o interior para preencher as fichas de solicitação. Desse modo, a análise das fotografias, indica que os responsáveis pela administração da obra sabiam da data prevista para a chegada do funcionário e anteciparam a produção dos registros dos trabalhadores, para aqueles que ainda não tinham realizado suas fotografias. É possível apontar que os registros feitos fora do estúdio foram realizados durante o expediente como comprova a fotografia do quarto trabalhador da figura 1. O trabalhador foi registrado com as mangas da sua camisa dobradas e com um dos seus instrumentos de trabalho, um martelo. Ainda chama atenção neste trabalhador a

presença de um objeto pessoal: um relógio de bolso, sendo que é possível identificar o cordão que prende o relógio a seu colete.

Os 6 trabalhadores foram fotografados no ano de 1942 em datas distintas. O primeiro foi fotografado em 21 de julho, o segundo e o terceiro fizeram suas fotografias no dia 03 de julho e os últimos 3 foram fotografados em 11 de setembro conjuntamente com vários outros trabalhadores, como será verificado nas próximas figuras. As três primeiras fotografias apresentam o mesmo tipo de enquadramento do corpo do trabalhador, apresentando-o do peito para cima, enquanto as três últimas enquadram o trabalhador a partir de seu tronco.

Alguns dos trabalhadores que estavam nas obras do Anglo, ao solicitar suas carteiras, declararam profissões que não correspondiam nem ao ramo das carnes frigorificadas e alguns também não pertenciam aquele da construção. A profissão de maquinista, a partir dos dados da DRT/RS, aponta para uma série de funções diferentes. Contudo, não se tratava de maquinistas que operavam locomotivas, e sim de uma mão de obra especializada em operar determinadas máquinas, sendo que algumas relativas ao ramo da construção. Essa parece ser a situação dos trabalhadores da figura 1. Já em outros dois grupos de trabalhadores, a relação entre as suas profissões e o ramo da construção é mais evidente: pedreiros (Figuras 2) e carpinteiros (Figura 3)

Figura 1: Maquinistas/Frigorífico Anglo



Fonte: Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. NDH/UFPel

OS TRABALHADORES NO FRIGORÍFICO ANGLO DE PELOTAS NO ACERVO DA
DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL: HISTÓRIA,
MEMÓRIA E FOTOGRAFIA

De todos os 15 trabalhadores que declararam a profissão como pedreiro, apenas um possui o registro em estúdio – o primeiro trabalhador da figura 2. Entre os demais, uma parte foi fotografado no mesmo dia dos maquinistas, 11 de setembro, como exemplificam o segundo e o terceiro trabalhadores. Já os últimos 4 também foram fotografados no mesmo ambiente em datas diferentes no ano de 1942. Esses 4 últimos trabalhadores provavelmente foram fotografados por um fotógrafo enquanto aqueles do dia 11 de setembro por outro profissional. Uma diferença entre elas que aponta para a presença de profissionais distintos é a data da fotografia. Nota-se que o segundo e o terceiro trabalhador estão usando a placa que indica o dia enquanto os últimos tiveram o registro escrito à mão. Outro detalhe importante é o modelo da placa usada para os registros dos três primeiros trabalhadores da figura 2, mas que também é notado em outros das demais figuras. Eles utilizam a mesma placa, com números destacáveis que permite colocar a data do registro, mas o primeiro fez em estúdio enquanto os demais foram fotografados fora, o que permite considerar a possibilidade do fotógrafo ser o mesmo.

Figura 2: Pedreiros/Frigorífico Anglo



Fonte: Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. NDH/UFPel

Novamente é visível a diferença dos enquadramentos entre as fotografias. Apesar das fotografias dos últimos também apresentarem o trabalhador do peito para cima, elas não foram feitas em estúdio, o que pode ser amparado por duas características. Assim como aquelas produzidas no dia 11 de setembro, elas não apresentam uma moldura branca e todas as fotografias que não foram realizadas no mesmo dia estão um pouco fora de foco, talvez pela incidência da luz, o que, possivelmente, não ocorreria se realizadas em um estúdio. Elas também não estão centralizadas, o que fica mais nítido no último trabalhador, que está com a cabeça mais a esquerda.

As fotografias dos pedreiros mostram adereços diferentes como o uso da gravata naquele que fez a foto em estúdio, enquanto outros dois usam lenços. Já o terceiro trabalhador possui uma corrente. É possível que os últimos 3 trabalhadores, sendo que o primeiro foi fotografado no dia 01 de abril de 1942 e os outros dois um dia antes, tenham compartilhado o mesmo casaco; percebe-se que o tecido, a cor e o modelo são muito semelhantes.

Em relação aos 25 carpinteiros, 3 apresentaram fotografias em estúdio. A primeira fotografia da figura 3 apresenta um trabalhador que não está usando gravata e casaco, como aquele da segunda fotografia, que, além dessas vestimentas, também veste blusa e colete.

Figura 3: Carpinteiros/Frigorífico Anglo



Fonte: Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. NDH/UFPel

Todos os demais trabalhadores se enquadram nas propostas verificadas nas fotografias das figuras anteriores. No entanto, as demais fotografias possuem algumas particularidades. A terceira fotografia novamente não centraliza o trabalhador, mas ao contrário das outras que estavam desfocadas, esta possui foco e uma iluminação distinta. Parece que a fotografia foi tirada na rua, em um espaço aberto e o fotografado foi colocado de frente para o sol. É possível verificar que seus olhos quase não abrem enquanto a projeção de sua sombra na parede ampara a perspectiva de que o seu registro não foi realizado em um estúdio – ou em um espaço fechado.

As fotografias de todos os demais trabalhadores da figura 3 pertencem ao conjunto daquelas realizadas em 11 de setembro de 1942. O quarto trabalhador, ao contrário dos demais, não olha para a câmera; seu olhar está levemente para o lado. Possivelmente, aconteceu um momento de distração e a fotografia não capturou um olhar direcionado. Outros trabalhadores também parecem ter se distraído com algo durante o processo de feitura de seus registros, mas, ao contrário deste que desviou o olhar, deixaram escapar um leve sorriso, o que se contrapõe a todos os demais que estão sérios – como pedem as fotografias 3x4 produzidas para documentos oficiais até os dias de hoje.

O olhar desatento ou a escapadela do sorriso podem ser resultados daquele 11 de setembro, no qual os trabalhadores pararam suas funções e se reuniram para “tirar” a sua fotografia para a carteira. A reunião não apenas juntou todos os trabalhadores no mesmo espaço, como os colocou sentados lado a lado. Em algumas das fotografias, como a quinta e a sexta, é identificada uma parte do braço do trabalhador que estava ao lado do fotografado. A fotografia do quinto trabalhador, com a camisa branca, torna nítida a presença de um braço com casaco com cor mais escura do lado esquerdo, enquanto a fotografia do sexto trabalhador, com um casaco escuro, deixa evidente a presença de um braço com uma camisa de cor clara ao lado direito. A três últimas fotografias permitem apontar a mesma hipótese vista em fotografias da figura 2, ou seja, a possibilidade de que os três trabalhadores foram registrados usando o mesmo casaco. Assim, da mesma forma que as fotografias dos pedreiros, os três últimos carpinteiros vestem um casaco de cor escura, o mesmo modelo e o tecido muito semelhante. Já o último trabalhador está com um curativo

na cabeça, o que indica que mesmo estando machucado o carpinteiro não faltava o trabalho¹⁴.

O quinto trabalhador é um rapaz jovem, o que indica que adolescentes já estavam inseridos no mercado de trabalho e, no caso desse jovem, trabalhando no ramo da construção. Esse trabalhador nasceu no ano de 1924 e, em 1942, quando da solicitação da carteira, ele tinha 18 anos. Ao seu lado trabalhavam outros homens jovens. Com a sua mesma idade, havia 7 trabalhadores, 2 com 17 anos, 12 com 20 anos, 5 com 21 anos, 6 com 22 anos, 7 com 23 anos, 1 com 24 anos, 11 com 25 anos. Esses jovens, entre 18 e 25 anos totalizam 52 trabalhadores, sendo que as idades dos demais são bem variadas e, 25 nasceram no século XIX – o mais idoso em 1859, com 75 anos quando da solicitação da carteira.

A figura 4 apresenta a fotografia 3x4 de alguns dos jovens trabalhadores do frigorífico. O primeiro e o segundo tinham 17 anos, enquanto o terceiro, o quarto e o quinto declararam a idade de 18 anos e o sexto 19 anos. A profissão que se destaca entre os jovens é a de servente. O segundo, o terceiro, o quinto e o sexto exercem essa profissão, o primeiro era operário e o quarto armador de ferro. Nota-se que a profissão de servente poderia ser o começo da vida laboral desses jovens e o ingresso no trabalho das obras do frigorífico fosse o primeiro emprego formal desses rapazes. Um detalhe importante está no segundo trabalhador. O casaco que veste é de um tamanho maior do que aquele apropriado para o seu corpo, ou seja, provavelmente o casaco foi emprestado por outro trabalhador. Outro detalhe também está na quinta fotografia. Ali é possível ver, da mesma forma que foi apontado acima para outras duas fotografias, o braço de outros dois trabalhadores.

¹⁴ Uma hipótese é que poderia haver certo receio por parte do trabalhador em solicitar uma licença de saúde. De acordo com alguns processos de trabalhadores do Anglo, que se encontram no acervo da Justiça do Trabalho salvaguardado no NDH-UFPel, ao retornarem da licença, eram demitidos e logo ingressavam com uma ação trabalhista na Junta de Conciliação e Julgamento da cidade alegando demissão injusta e solicitando a reintegração na mesma função.

OS TRABALHADORES NO FRIGORÍFICO ANGLO DE PELOTAS NO ACERVO DA
DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL: HISTÓRIA,
MEMÓRIA E FOTOGRAFIA

Figura 4: Jovens trabalhadores/Frigorífico Anglo



Fonte: Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. NDH/UFPel

Conforme já destacado acima, esses trabalhadores pararam as atividades para serem fotografados. Essa constatação se torna mais evidente a partir da análise de outras três seleções de fotografias 3x4. A primeira apresenta o grupo de mecânicos e de seus ajudantes (figura 5)

O primeiro trabalhador foi o único não fotografado no dia 11 de setembro de 1942; seu registro foi realizado em 12 de novembro de 1943 e sua fotografia 3x4 feita em estúdio. Já as fotografias dos demais mecânicos, sendo que os dois últimos declararam como profissão ajudante de mecânico, apresentam alguns detalhes relevantes. O segundo e o terceiro foram fotografados em um fundo diferente. Nelas é possível ver um pano e não uma parede como naquelas dos demais. Ambos estão com suas roupas de trabalho, as quais estão sujas, enquanto o quarto mecânico não apresenta manchas em sua camisa.

Figura 5: Mecânicos e ajudantes de mecânico/Frigorífico Anglo



Fonte: Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. NDH/UFPel

O quinto trabalhador, ajudante, destoa dos demais da figura. Apesar de ser fotografado no mesmo dia 11 de setembro, ele veste terno e gravata. Esta fotografia permite uma hipótese importante: a de que o ato do registro não foi uma surpresa e sim que os trabalhadores foram avisados com antecedência. Esse possível aviso fez com que o mecânico se vestisse para ser fotografado como se estivesse em um estúdio enquanto os demais foram fotografados com suas roupas cotidianas de trabalho, sendo que alguns também vestiam casacos¹⁵.

Outro grupo de trabalhadores é aquele que declarou sua profissão com atividades relacionadas ao trabalho em frigorífico. (Figura 6) Tem-se 4 magarefes e 1 matambreiro. O primeiro deles é o trabalhador mais velho de todos os vinculados ao frigorífico, conforme apontado anteriormente. Sua fotografia 3x4 se destaca das demais, percebe-se que ela registra o corpo do peito para cima e com a cabeça levemente inclinada com o olhar direcionado para baixo. Há uma iluminação lateral, o que realça o lado esquerdo do

¹⁵ Há outros 2 trabalhadores fotografados no dia 11 de setembro de 1942 que também usam terno e gravata: 1 conferente e 1 ronda. A fotografia 3x4 deste está na figura 7.

OS TRABALHADORES NO FRIGORÍFICO ANGLO DE PELOTAS NO ACERVO DA
DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL: HISTÓRIA,
MEMÓRIA E FOTOGRAFIA

trabalhador enquanto seu lado direito fica levemente sombreado. O trabalhador, além de vestir terno, gravata e colete, também possui um relógio. Seu registro foi realizado em 1934, mesmo ano que outros 3 trabalhadores magarefes foram fotografados¹⁶.

Figura 6: Magarefes/Frigorífico Anglo



Fonte: Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. NDH/UFPel

Já o segundo também está de casaco e usa uma manta bicolor no lugar da gravata. Ao comparar as fotografias dos dois magarefes, vestidos impecavelmente para o registro, nota-se que os outros três, como apontado acima, pararam suas atividades e deixaram se fotografar com suas roupas usadas no trabalho, no cotidiano. É Provável que as marcas nas roupas do quarto trabalhador são do sangue dos animais abatidos. Já o quinto trabalhador, o matambreiro, possivelmente não usava um casaco emprestado no momento do registro, uma vez que o modelo risca de giz que ele usa combina com a calça que veste.

¹⁶ A figura 6 mostra somente 2 magarefes que solicitaram em 1934, já que a fotografia 3x4 dos outros 2 não consta na ficha.

O último grupo de trabalhadores desempenhava profissões variadas, mas suas fotografias 3x4 possuem detalhes captados pelo fotógrafo que contribuem aos objetivos do artigo. (figura 7) O primeiro trabalhador era marceneiro, o segundo ronda, o terceiro chofer, o quarto auxiliar de escritório e os dois últimos serventes.

Figura 7: Trabalhadores com profissões variadas/Frigorífico Anglo



Fonte: Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. NDH/UFPeI

O enquadramento da fotografia 3x4 do primeiro trabalhador captou também os seus braços e uma de suas mãos. No registro ainda é possível visualizar o chapéu e, nos fundos, um tipo de prateleira. Já o segundo trabalhador, da mesma forma que o ajudante de mecânico da figura 5, também foi fotografado com casaco, gravata e colete. No fundo da fotografia é verificado um casaco e, provavelmente, um cachecol pendurados na parede. A fotografia do terceiro homem colabora com uma hipótese: a de que nem todos os trabalhadores desempenhavam profissões relacionadas ao frigorífico ou a construção. Sua profissão, chofer, aportuguesamento da palavra francesa *chauffeur*, aponta para a possibilidade dela ser a profissão de formação e, naquele momento, o trabalhador estava vinculado à reconstrução do prédio. Outro detalhe da sua fotografia está em suas roupas, que estão sujas, e que não corresponderia ao traje de um *chauffeur*.

O quarto e o quinto trabalhadores contribuem para entender que o processo dos registros das fotografias, que foram feitas também no dia 11 de setembro, aglomerou todos os trabalhadores, visto que ambos deixaram escapar em suas fotografias um leve sorriso, o que não corresponde com as fotografias feitas em estúdios, para documentos oficiais, nas quais os fotografados fazem uma expressão sisuda. O quinto e o sexto trabalhadores são serventes e suas vestimentas são semelhantes. Ambos usam casaco, mas enquanto o quinto aparece com um cachecol na volta do pescoço – um 11 de setembro frio, pois ainda é inverno – o sexto está com gravata e colete. Outro acessório completa o seu figurino: uma caneta no bolso do casaco. A diferença entre os dois registros é a sua produção, ou seja, o servente com o cachecol teve sua fotografia produzida fora do estúdio, enquanto o servente com a caneta foi fotografado em estúdio.

Considerações finais

A filial do frigorífico Anglo em Pelotas marcou a economia da região e alavancou o ramo da produção de carne no século XX. Assim como várias outras indústrias e estabelecimentos comerciais do Rio Grande do Sul, o Anglo também seguiu as diretrizes do governo e possibilitou que seus trabalhadores solicitassem suas carteiras profissionais. O próprio frigorífico deve ter proporcionado a produção das fotografias 3x4 daqueles que ainda não tinham providenciado, o que resultou em um conjunto de fotografias 3x4 peculiar, diferente das demais do universo das fotografias 3x4 realizadas no período. O fotógrafo – ou os fotógrafos – registrou os trabalhadores fora de seu estúdio. É provável que mais de um profissional tenha produzido as fotografias, já que aquelas tiradas no dia 11 de setembro de 1942 não possuem a mesma qualidade daquelas produzidas em 1943, embora, aparentemente, todas foram registradas em um espaço aberto e ao mesmo tempo.

As particularidades das fotografias produzidas no Anglo registraram outros elementos para além do que era padronizado pelo decreto. O enquadramento do corpo do trabalhador não focalizava apenas no seu rosto, mas captava o tronco e em algumas delas foram registrados outros elementos, como o martelo com o trabalhador da figura 1, o chapéu do trabalhador da figura 7 e as roupas penduradas atrás do trabalhador da figura 7.

Em certas fotografias, é possível ver a semelhança dos casacos usados por eles; talvez o mesmo casaco.

Tudo indica que os trabalhadores não tiveram opções, alguns aparecem com suas roupas sujas; outros estão com as mangas das camisas dobradas como se, de fato, parassem por alguns instantes suas atividades para serem fotografados, não tendo tempo, para ajeitarem-se. Em contraposição a essas fotografias estão aquelas produzidas em estúdio, nas quais é possível perceber que o trabalhador tinha um cuidado com a roupa usada para o registro. As fotografias de estúdios podem ser consideradas como uma construção retórica da identidade do trabalhador quando comparadas com as profissões desempenhadas. Já aquelas produzidas fora do estúdio são consideradas como registros mais próximos das suas identidades e dos seus ofícios. Esse conjunto fotográfico é considerado como imagem/documento, conforme aponta Ana Maria Mauad, já que essas imagens são ponderadas “como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado (Mauad, 2008, p.37).” Considera-se, portanto, tais fotografias como um índice que permite compreender aspectos do passado, ou seja, elas mostram uma parte importante da história do frigorífico Anglo de Pelotas e, paralelamente, contribui para a memória desses homens comuns, trabalhadores que buscavam seus direitos nos anos 1930/1940 e solicitavam suas carteiras profissionais.

Referências

ARAÚJO, Célia Regina Aiélo. *Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos-1927/1935*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

BATALHA, Cláudio. A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetórias e Tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 145-158.

BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

OS TRABALHADORES NO FRIGORÍFICO ANGLO DE PELOTAS NO ACERVO DA
DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL: HISTÓRIA,
MEMÓRIA E FOTOGRAFIA

BIAVASCHI, Magda Barros. *O Direito do Trabalho no Brasil 1930-1942. A Construção do Sujeito de Direitos Trabalhistas*. São Paulo: LTr Editora, 2007.

BOSI, Antonio de Pádua. Breve História dos frigoríficos de frango no Brasil (1950-2010). In: VARUSSA, Rinaldo José (Org.). *“Eu trabalhava com dor”*: Trabalho e adoecimento nos frigoríficos. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p.11-20.

BOSI, Antonio de Pádua. Dos Açougues aos Frigoríficos Uma História Social do Trabalho na Produção de Carne, 1750 a 1950. *Revista de História Regional*. (UEPG), v.19, 2014, p.83-103.

BRASIL. *Decreto 21.580*, de 29 de Junho de 1932. Altera e regulamenta o decreto n. 21.175, de 21 de março de 1932, que institui a carteira profissional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D21580impressao.htm Acesso em: 21/09/2013.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHALHOUB, Sidney; SILVA, Fernando Teixeira. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980, *Cadernos AEL*. (UNICAMP), v. 14, nº 26, 2009, p.13-45.

CORREA, Larissa Rosa. *A tessitura dos direitos: patrões e empregados na Justiça do Trabalho, 1953-1964*. São Paulo: LTr/FAPESP, 2011.

CRUZ, Ubirajara. *Fotografia e Memória: as câmaras frias dos extintos frigoríficos Anglo de Pelotas (Brasil) e Fray Bentos (Uruguai)*. 2016. 207 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

DUBOIS, Philippe. *O Ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papius, 1993.

FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia: Usos e funções no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 2008.

FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais. Uma leitura do retrato fotográfico*. Delo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

FRACCARO, Glaucia Cristina. Os direitos das mulheres – organização social e legislação trabalhista no entreguerras brasileiro (1917-1937). Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

FRENCH, John D. *Afogados em leis. A CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

GILL, Lorena; LONER, Beatriz. O trabalho de um Centro de Documentação: o Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. *Patrimônio e Memória* (UNESP), v. 9, 2013, p.241-256.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

GOMES, Ângela de Castro; SILVA, Fernando da. (Orgs.). *A Justiça do Trabalho e sua história: os direitos dos trabalhadores no Brasil*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

HECK, Fernando Mendonça. Uma geografia da degradação do trabalho: o adoecimento dos trabalhadores em frigoríficos. *Revista Percurso – NEMO*. v.5, n.1, 2013, p.03-31.

HECK, Fernando Mendonça; CARVALHAL, Marcelo Dornelis. A territorialização do frigorífico de aves da copagril em Marechal Cândido Rondon (PR): precarização do trabalho e desrespeito à legislação trabalhista. *Revista Pegada*. V.11, n.02, 2010, p.51-76.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2005.

LOBATO, Mirta Zaida. *La vida en las fábricas*. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970); Buenos Aires: Prometeo Libros/Entrepasados, 2001.

LONER, Beatriz Ana. Um perfil do trabalhador gaúcho na década de 1930. *Anais eletrônicos do IX Encontro Estadual de História da ANPUH-RS*. Porto Alegre: ANPUH-RS/UFRGS, 2008, p.01-18.

LOURENÇO, Edvânia Ângela De Souza. *Na trilha da saúde do trabalhador: a experiência de Franca/SP*. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2009.

MARTINS, Janaína Alves. *Mulheres na luta por justiça: Trabalhadoras do Frigorífico Anglo de Pelotas ressignificando sua história (1943- 1950)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

MAUAD, Ana Maria. *Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MICHELON, Francisca. *Sociedade Anônima Frigorífico Anglo de Pelotas: o trabalho do passado nas fotografias do presente*. Pelotas: Editora da UFPel, 2012.

MICHELON, Francisca; GONZÁLEZ, Ana; SERRES, Juliane; CORRÊA, Celina; LIMA, Paula; NEUBERT, Suélen. Fotografia, memória e patrimônio industrial: o caso do Frigorífico Anglo de Pelotas/RS. *II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades*, Belo Horizonte, 2013.

PESAVENTO, Sandra. *Emergência dos subalternos*. Porto Alegre: FAPERGS/UFRGS, 1989.

OS TRABALHADORES NO FRIGORÍFICO ANGLO DE PELOTAS NO ACERVO DA
DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL: HISTÓRIA,
MEMÓRIA E FOTOGRAFIA

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. Trad. Constança Egrejas. São Paulo: Editora do SENAC São Paulo, 2009.

SCHMIDT, Mônica Renata. *Na luta por direitos: os trabalhadores do Frigorífico Anglo de Pelotas e a Justiça do Trabalho (1943-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

SILVA, Neuza Regina Janke da. *Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário? (O Frigorífico Anglo em pelotas: 1940-1970)*. 1999. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SPERANZA, Clarice. Branco, preto, pardo, moreno ou escuro? Classificações raciais nas carteiras dos trabalhadores gaúchos (1933-1945). *Tempos Históricos*. (UNIOESTE), v.21, 2017, p.100-124.

SPERANZA, Clarice. *Cavando direitos: As leis trabalhistas e os conflitos entre mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954)*. Porto Alegre/São Leopoldo: ANPUH-RS/Óikos, 2014.

TAGG, John. *The burden of representation*. Essays on photographs and histories. New York: Palgrave Macmillan, 2002.

THOMÉ, Nilson. *A formação do homem do Contestado e a educação escolar – República Velha*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

VARUSSA, Rinaldo José (Org.). *“Eu trabalhava com dor”*: Trabalho e adoecimento nos frigoríficos. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

VARUSSA, Rinaldo José. Trabalhadores em frigoríficos na Justiça do Trabalho: oeste do Paraná, décadas de 1990 a 2000. In: GOMES, Ângela de Castro; SILVA, Fernando da. (Orgs.). *A Justiça do Trabalho e sua história: os direitos dos trabalhadores no Brasil*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013, p.83-120.

Recebido em: 08 de outubro de 2017

Aceito em: 05 de março de 2018